

CORREIO DO MEIO-DIA

SEMANARIO

POLITICO, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSO

Advogando os interesses do Algarve e Baixo-Alemtejo

PROPRIETARIO E REDACTOR — LUIZ MASCARENHAS

NUM. 100

DOMINGO 9 DE ABRIL DE 1876

III ANNO

Portimão, 8 de abril

Tem causado espanto n'esta villa o estado anarchico em que se acha esta secção d'obras publicas que é centro dos principaes trabalhos da provincia e onde se accumulam trabalhos de maior responsabilidade.

A cargo d'esta secção estão as seguintes obras.

Construcção das avenidas da ponte sobre este rio.

Fiscalisação da construcção da mesma feita pela companhia franceza *Fives Lille*.

Construcção do dique regulador.

Construcção d'uma ponte sobre o Vau.

Construcção da estrada de Monchique.

Conservação da estrada real do littoral.

Por mais d'uma vez a imprensa se tem referido á accumulacão de trabalhos tão importantes n'um unico individuo o sr. conductor Jeremias apesar de se lhe reconhecer aptidão e honestidade precisas.

Era encargo demasiado para qualquer empregado ainda mesmo que fosse habilitado com o curso.

Tantas obras e em pontos tão diversos não podiam estar sob a responsabilidade d'um só funcionario.

Pois bem o sr. director Macario resolveu isto tudo do seguinte modo!

Chamou o sr. Jeremias, conductor para uns estudos sem importancia não sabemos onde e colloca á frente d'estas obras, encarregado da secção o apontador Belles que tem sido apenas um bom empregado de secretaria como é notorio.

Isto não se commenta, está fóra de qual quer consideração!

O sr. Macario decididamente perdeu o juizo.

E' este senhor que dirige e administra as obras publicas do Algarve?

Isto não é dirigir é desorganisar; não é administrar é esbanjar.

Recomendamos ao sr. Avilino estas coisas.

Estão confirmadas as nossas previsões.

O caminho que seguiu o deputado Carrilho em Tavira é o mesmo que foi seguido pelo deputado Cunha Belem d'este circulo a proposito do qual o nosso insuspeito collega da *Gazeta* diz o seguinte.

«A iniciativa do representante d'este circulo, durante a legislatura finda, resumiu-se a dois projectos — um tornando extensiva aos officiaes reformados a isenção da contribuição municipal, e o outro auctorisando o governo a ceder em beneficio da junta de parochia da Luz umas casas e quintaes que ali ha.

Temos em subida conta os meritos de sr. C. Bellem e os seus bons desejos.

Não obstante, pouco mais podiamos esperar de quem não conhece o circulo, nem as suas necessidades.

Os homens da localidade, os amigos da sua confiança, esses sim que deveram ter aproveitado melhor, e em beneficio dos electores a quem o inculcaram, o muito que havia a esperar do valimento de s. ex.^a

Era esse o seu dever e a sua conveniencia.

Se os electores de Lagos voltarem as costas ao sr. Belem, cujos serviços desconhecem para se lembrarem do seu projecto, que vale um privilegio que elles pagarão, queixé-se s. ex.^a dos que não souberam afferrir a sua iniciativa por mais ampla craveira, que a de pequenas conveniencias pessoas,

que vão d'encontro ás do maior numero por quem melhores razões punem.

Era licito attribuir-lhes mais largas aspirações. Quando por toda a parte se falla do estado d'abatimento e atrazo a que Lagos chegou, parece impossivel que os que se arrogam a sua direcção politica dessem tão triste documento da sua boa vontade d'engrandecer a. N'este ponto é que nós desejamos que todos apprendessem com os nossos vizinhos de Portimão, cujo amor pela sua terra é o melhor titulo da sua nobreza.

Felizmente a apresentação do projecto não tem outra significação que não seja a d'uma condescendencia, cujo alcance o sr. Bellem não ponde medir.

A contribuição dos reformados, que tanto deu aqui que fallar e perante a qual os deveres da amizade e os laços da politica nada poderam, existirá por muitos annos, antes que o projecto salvador se consuma de todos nos archivos da camara.

Mal empregado empenho!

Forrada esta classe aos encargos municipaes, com mais razão se eximiriam a elles os outros funcionarios, e depois pretende riam o mesmo os negociantes a quem se pede o imposto indirecto e assim por diante. As duas por tres ficariam as camaras sem receita ou iriam buscal-a á propriedade, cujo estado de florescencia é bem conhecido.

Sendo todos a exigir commodidades, só uma parte as pagaria com o suor do seu trabalho, com os parcos rendimentos de seu capital. E dizemos seu, porque certamente os que porventura não gostarão d'estas verdades, não arceitam a affirmativa arrojada de Proudhon, quando diz que a propriedade é um roubo.

Ha desigualdades na contribuição? Queixem-se d'ellas os interessados e procurem-lhes o remedio; mas não pretendam criar insenções, que offendem interesses respeitaveis.

Nem todos, mas alguns dos mais esclarecidos têm andado mal n'este negocio, sentinios diz o.

As resistencias d'uns promovem as resistencias dos outros, e por este caminho não se chega a bom fim. Os maus exemplos são sempre seguidos e tornam-se pessimos quando partem de cima.

Cremos que nos fazemos comprehender. E' preciso que todos demos alguma coisa em troca do que a comunidade nos offerece. Nas questões d'interesses geral torna-se indispensavel olhar as coisas de mais alto.

Noticias diversas

Districto de Faro. — Recebemos o primeiro numero d'este novo collega que vem alistar-se na propaganda do bem estar e interesse algarvio.

Saudamos o novo campeão e fazemos votos para que a fortuna lhe corra prospera. Agradecemos a remessa e trocaremos.

Collegio de S. Luiz Gonzaga. — Não tem tido o exito que se esperava este estabelecimento, dirigido pelo sr. padre Baptista Pereira.

E' para lamentar a decadencia d'um estabelecimento que podia ser de vantagem para esta villa e proximidades.

Procissão do enterro. — Vae tocar á procissão da sexta feira santa a philharmoni-

ca *Recreio Musical* em obsequio aos nossos amigos os srs. Luiz Filippe Pargana e Bernardo Pedro Neves, directores da irmandade do Senhor dos Passos a quem pertence as solemnidades d'este dia.

Meeting. — Está averiguado que o meeting de Villa Real de Traz-os-Montes, hostil ao governo foi concorrido por mais de 6:000 pessoas segundo affiança a palavra de honra dos cavalheiros mais importantes d'aquella villa.

Os telegrammas dos regeneradores negaram isto.

Ficam desmentidas tambem as suas asserções sobre o de Lisboa do qual teste munhas presencias nos affiançaram ter sido concorridissimo e haverem retirado muitas pessoas pela impossibilidade d'entrar na sala.

Vae se conhecendo a popularidade do ministerio e a conformidade da opinião publica com os seus actos.

Morte desastrosa. — Morreu hontem o sr. Je-é Duarte Serpa, em consequencia dos ferimentos e contusões recebidas por um burro em que montava.

No domingo passado indo para seu campo, o burro lançou o por terra, espasmiçou e morreu o até que uma quinteira accudindo aos seus gritos o veio livrar dando uma forte sachada na cabeça do burro.

A idade avançada do sr. Serpa e o seu estado de decrepitude não lhe permittiram resistir ao funesto desastre.

Esquadra Inglesa. — Esteve á barra d'este porto a esquadra inglesa do canal sob o commando do almirante Seimour.

Este official visitou o porto n'um escalor a vapor e dirigia-se para Silves havendo tomado por um facil engano o confluente de Odelouca pelo que desistiu de visitar aquella cidade.

Desembarcou no regresso n'esta villa e percorreu alguns sitios dos arredores.

Fez-lhe as devidas honras o sr. José Duarte Serpa encarregado do vice consulado inglez n'esta villa.

A esquadra levantou ferros no mesmo dia e foi ancorar na bahia de Lagos.

Navio. — O navio hespanhol *Venus*, que deu á costa n'este porto ultimamente do qual o casco foi vendido em praça por 200\$000 réis, sahiu hontem do local do sinistro e foi conduzido para a praça proximo do convento onde se presta ao destino que pretender dar-lhe a empresa que o arrematou.

Esquadriha do Algarve. — Foram mandados apresentar pelo ministerio da marinha ao da fazenda os primeiros tenentes da armada Antonio Joaquim de Mattos e José Tito Celestino Soares, e os segundos tenentes Manuel Luiz Mendes Leite e Alfredo Antonio Ghira. São estes officiaes destinados a substituir no serviço da esquadriha de fiscalisação das alfandegas os primeiros tenentes Cypriano Lopes de Andrade commandante do vapor *Argus*, e Pedro Ignacio de Gouveia, commandante do hiate *Algarve*, e os segundos tenentes Luiz Antonio de Moraes e Sousa, commandante do *Ligeiro*, e Cesar Justino da Costa Lima,

commandante da canhoneira n.º 1 do Guadiana.

Audiencias geraes. — Não de começar no dia 28 do corrente as audiencias d'esta comarca.

Restabelecimento. — Acha-se restabelecido da enfermidade que o accommetteu, o nosso amigo o sr. Guilherme Quintino de Avelar, digno chefe da delegação da alfandega d'esta villa.

E' esperado. — Deve chegar em breves dias a esta villa o nosso amigo o sr. dr. José Alexandrino d'Avelar em regresso da capital.

Communicados

Amigo redactor.

Lendo na *Liberdade* de 2 do corrente n.º 77 uma correspondencia datada de Pera, occupando-se da minha humilde pessoa com respeito aos soccorros prestados ás pessoas feridas d'aquella povoação no desastre do dia 26 de março ultimo que teve logar proximo á ponte d'esta cidade, cumpre-me agradecer ao illustre correspondente os incomos que me tece e que entendeu tornar do dominio publico, quando bem dezejava que ficassem sepultados na obscuridade.

O illustre correspondente diz tambem que o seu reverendo parochio e muito meu amigo Bernardino Pessanha, passando n'esta occasião, saltou do trem e tambem foi prestar soccorro aos infelizes. Desculpe-me dizer-lhe, que não foi bem informado a este respeito.

Sahindo eu e o reverendo parochio de casa do nosso amigo José Antonio Garcia Blanco fomos por um individuo avisados que havia succedido grande desgraça a uma familia que ia em um carro para Alcantarilha. Não esperamos saber mais promenos do acontecimento, e ambos, caminhando presurosos, apenas trocámos algumas palavras e estas, todas tendiam á supposição ou quasi certeza de ser a gente de Pera que havia succedido aquella fatalidade.

Infelizmente assim foi.

Entramos no armazem onde se acha estabelecido o sr. Netto, de Pera, ouvindo já os gritos dos feridos que ali tinham sido recolhidos. Aproximamo-nos d'elles, e os que estavam com ferimentos mais leves acercaram-se do seu prior, rogando-lhe que lhes acudisse. Ao principio, e em presença d'um quadro tão doloroso e tão pungente, ficámos estupefactos! E não-era para menos. Aqui, a tilha do fallecido Antonio Pintor, e tambem ferida ainda que levemente, abraçada ao seu parochio banhada em lagrimas, rogando que a levasse a presença do pae e que já suppunha morto. Acolá a mulher do Francisco Rosa, lamentando a sua desgraça, gritando, já pelas dores que soffria, como pela saudade de ver e amamentar seu tenro filho que havia deixado em casa, e que presumia não mais o ver. Sobre a cama do sr. Netto estava deitado outro ferido nas costas sem poder articular palavra, e só de espaço a espaço soltando surdos gemidos.

D'outros lados, choros e lamentações dos feridos mais leves. Não eram menos de oito os feridos n'este armazem.

O nosso trabalho, até á vinda do digno facultativo d'este municipio, o sr. Hermenegildo José Chaves, foi animar os feridos,

Examinados depois pelo mesmo facultativo, e estabelecido o tratamento a seguir, entendi de meu dever, pois que os feridos não tinham aqui parentes nem verdadeiramente amigos a quem podessem socorrer-se, prover, tanto quanto me fosse possível, como sou grato e amicus de toda a gente de Pera, sem a minima excepção, pela estima e afeição que sempre me tem dispensado. Foi o que fiz.

O meu amigo Bernardino, cerca das onze horas, accedeu aos incessantes pedidos de sua comadre, levando a para Pera no seu trem. Os restantes foram conduzidos em um carro na tarde do dia seguinte, depois de serem inquiridos pela justiça para o corpo de delicto.

Muitos cavalheiros d'esta cidade trabalharam e cuidaram com esmero d'aquelles desgraçados.

O sr. Antonio Salles, rendeiro da horta do sr. Froes, recolheu a fallecida Maria Izabel, que só sahio da sua casa na tarde do dia seguinte, e a quem já agradeço pelo incommodo que teve.

Releve-me pois o illustre correspondente esta longa exposição, que só teve por fim advertir-lhe que ao reverendo parcho ficaram os seus parochianos feridos e não feridos devendo-lhe mais estes favores por mim presenciados.

Pela inserção d'estas linhas te fica por mais esta vez agradecido o teu amigo do coração.

Vicente Antonio d'Almeida.

Sr. redactor.

Quando respondi ao interessante comunicado de 21 do corrente, que vem transcripto no jornal a *Liberdade* numero 76, e é assignado por um C. e quatro pontinhos, não tive tempo, de dizer duas palavrinhas ao muito elegante sr. Augusto Rosa, que também me mimoseou com outro comunicado, ou como lhe queiram chamar, que vem transcripto na mesma folha.

Confesso sr. redactor, que á primeira leitura considere o sr. Rosa um tanto perjudicado da cabeça. Seja como for, declaro, que ainda percebi o que elle quiz expressar.

No entanto von da melhor vontade declarar ao sr. Rosa (com espinhos) que não costumo usar forcados nem cacetes, e que não os conto até numero 9, que tive a satisfação de merecer sempre de seu respeitavel paiz o melhor tratamento, enquanto pratiquei na sua botica; que se elle fosse vivo poderia certificar o da nossa amizade e do importante serviço, que lhe prestei, livrando-o de ser assassinado em 1838.

Pela inserção d'estas poucas palavras lhe ficará sr. redactor, muito agradecido o que é De v. etc.

Tavira 3 de abril de 1876.

Jacinto Alexandre Travassos Neves.

Sr. redactor do Correio do Meio-Dia.

Em o numero 76 do jornal *Liberdade*, vem publicadas duas correspondencias d'esta cidade, sendo uma assignada por C. e quatro pontinhos e tem a data de 21 do proximo passado mez de março, e outra pelo sr. Augusto Rosa, que não tem data. Já disse em outra occasião, que detesto a mentira, e que não sei lutar, senão com armas leaes: sendo por isso que os meus adversarios me levam grande superioridade, porque não trepidam ante o uso da calumnia, e recorrem a todo e qualquer meio e a toda a toda a especie de invenção para deprimir e injuriar, enquanto que as minhas armas, e as da parcialidade, a que estou ligado, são e serão sempre a verdade, e sómente a verdade.

Se o alludido jornal fosse lido sómente n'esta cidade, declaro-lhe sr. redactor, que não me dava á impertinente tarefa de desmascarar o author, ou authors das maldades inventadas, que ali se me assacam, e aos meus amigos; por quanto toda a gente aqui conhece a falsidade de taes accusações: como porém é distribuido por outros pontos da provincia, e fóra d'ella, forçoso é dizer alguma coisa, para que se faça justiça a quem a tiver, e se conheça o esplendor e brilho das armas, com que pretendem combater-nos.

Sem fazer caso de algumas puerilidades com que o sr. C. se entreteve no começo do seu communicado, tocarei simplesmente nos factos mais importantes, e que carecem

de refutação, afim de serem devidamente apreciados. Convido pois o sr. C. a declarar miuda e categoricamente, quaes são os factos que provam a denominação de violento e perseguidor do grupo a que tenho pertencido; quaes as violencias por elle praticadas, e os individuos por elle perseguidos; a que ameaçou publicamente, e com basofia; quaes foram esses timidos, e dependentes, a quem conseguiu dominar pelo terror; e quaes os que foram tenazmente ás suas extravagantes indicações. Ora se o sr. C. não apresentar, as provas, que exijo, será tido por um calumniador; devendo ter em vistas, que nem sempre se está disposto para soffrer impunemente accusações falsas, e destituidas de todo o fundameeto.

No 3.º paragrapho da correspondencia phantasia o sr. C. coisas filhas de sua fertil imaginação, semelhantes a outras já lidas em outros jornaes, em que sempre de mistura apparece o principio de moralidade ou de desmoralisação conforme lhe cabe a pello; mas o sr. C. deve ter já percebido, que as acções de moral dadas por alguns membros do seu grupo tanto n'esta cidade como na de Beja, e n'essa villa de Portimão e na de Loulé nem as acceptamos, nem nos podem sanctificar.

Falla em seguida no abuso de uma força que não era nossa, porque era astuciosamente roubada, á credulidade e boa fé de um homem poderoso no paiz. Julgaes as sin? E' porque esse terá sido o vosso modo de proceder. O que a todos não deixará de maravilhar, é a hypocrisia com que fallam agora de um cavalheiro, a quem tanto tem injuriado e ludibriado; não obstante os altos favores por elle feitos a muitos do grupo a que o sr. C. pertence, pagos com a mais revoltante ingratidão. Creio não ser preciso declarar os nomes, porque o sr. C. deve bem conhecê-los.

Diz em seguida o sr. C., que transformamos a ribeira Tavira n'uma terra insociavel, e perigosa. E' isto o que nós podemos affirmar e provar com respeito ao grupo do sr. C., depois que para esta cidade vieram residir alguns de seus membros, que viviam fóra d'ella.

Mais adiante declara o sr. C., que eu apresentei no meu artigo o corpo de delicto, e que era isso o que mais os espantava. Corpo de delicto de que, pergunto eu? O corpo de delicto vou eu agora apresentar para espanto e edificação de toda a gente que fór seia, honesta e amiga da verdade, e depois se verá, se isto é reviramento de consciencia, ou imbecillidade litteraria, como dizeis. Sabe pois, sr. redactor, que os nomes dos cavalheiros, a que maliciosamente allude o sr. C., como perseguidos por nós, são distinctos d'aquelles, a que me referi, e que posso apontar; nem os seus destinos, quaesquer que elles fossem, tem relação com a politica da localidade: e repare também sr. redactor na simplicidade jesuitica do sr. C., quando diz, que não sabem o nome do padre, que foi transferido para uma freguezia rural, e cala-se egualmente com respeito ao nome do guarda da alfandega, que foi mandado para a ilha, e do enfermeiro do hospital do Espirito Santo. Não deve do mesmo modo ficar sem reparo, que fallando o sr. C. em perseguições não apontasse quizes ellas foram.

O administrador do concelho, a que alludi no meu communicado, foi o sr. dr. Frederico Lazaro Cortes, que por ter cumprido o seu dever, foi a instancia dos srs. do grupo do sr. C. transferido para o concelho de Monchique (provavelmente para o obsequiar) e que ella não aceitou: o delegado do procurador regio foi o sr. dr. Antonio de Paula de Sousa Coutinho, transferido para Moura: o capitão de caçadores n.º 4 foi o sr. Manuel Cypriano da Costa Ribeiro, transferido para caçadores n.º 6; os dois empregados das alfandegas fui eu um e o outro o sr. João Napoleão Neves, meu primo, que fomos transferidos para a delegação de Villa Real de Santo Antonio: o padre foi o sr. Francisco de Paula da Fonseca Neves, meu sobrinho, que era ajudador da freguezia de Santa Maria d'esta cidade, aonde além d'isso fazia um grande serviço aquella povoação, ensinando muitos mancebos, que por motivo da sua saluda ficaram privados d'este beneficio. Foi pois transferido por effeito de combinações politicas, para a freguezia de Santa, para onde teve de fazer conduzir com grave transtorno sua mãe viuva, e tres irmãos menores: o guarda mandado fazer serviço na ilha foi o sr. João Baptista do Rego, que estando

dispensado do serviço activo pelo seu mau estado de saúde, o obrigaram a ir destacado para aquelle ponto. O fiscal foi o sr. Antonio da Fonseca Monteiro, transferido para fora de Tavira, os dois liberaes puros são os srs. Mandel Anastacio e João Pedro Fernandes, que tiveram praça no batalhão de voluntarios da rainha, e exerciam aqui ultimamente os cargos de cobradores de congruas parochias, de que foram demittidos sem o menor motivo: e o enfermeiro é o sr. Antonio Joaquim de Sant'Anna Correia. Os designados até ao sr. fiscal Fonseca Monteiro foram punidos pela forma indicada, por terem commettido o grande crime de votarem nas eleições de 1869 em o candidato governamental, que era o fallecido sr. barão do Rio Zezere, e portanto contra o sr. Lobo d'Avila, que era opposição; e as outras demissões tiveram origem em serem os dois primeiros affectos ao dito sr. barão, e o terceiro talvez por ser irmão do sr. dr. Sant'Anna.—Vou agora sr. redactor referir-me aos cavalheiros mencionados pelo sr. C. a quem aleivosamente attribue soffridas perseguições, que elle devia citar, mas que não teve coragem de apontar, porque não existiram.

O sr. João Luiz de Mendonça e Mello, que foi quem substituiu o sr. dr. Cortes no lugar de administrador d'este concelho, por nomeação do sr. José de Beires, foi demittido d'aquelle lugar por assim o haver pedido, como toda a gente pode ver no *Diario do Governo* numero 176 de 12 de agosto de 1870; ficando assim provado que não houve n'isto perseguição, como falsamente inculca o sr. C.

O sr. dr. José Julio, que nada tem tido com as nossas dissensões, exerceu o cargo de delegado n'esta comarca d'onde em tempo foi transferido para outra, e pediu depois a demissão por motivos que só são do dominio de s. ex.ª.

O sr. Francisco Manuel Arez, tenente em commissão nas obras publicas, pertenceu-lhe o posto de capitão, e não havendo vaga em caçadores n.º 4 foi preencher uma que havia em caçadores 3; e quando o sr. Lobo d'Avila por exigencias do grupo transferio o sr. capitão Ribeiro para caçadores n.º 6, veio o sr. capitão Arez commandar a companhia, que aquelle deixou vaga: mas tendo o imperio, presidido pelo sr. duque de Saldanha, depois dos acontecimentos de maio de 1870, determinando que regressassem ás suas anteriores situações os funcionarios, que haviam sido perseguidos pelo ministerio, de que o sr. Lobo d'Avila fazia parte, regressou o sr. capitão Ribeiro á companhia, que antes commandava no batalhão n.º 4, passando por isso o sr. capitão Arez ao regimento n.º 15, d'onde mais tarde veio com passagem para o dito batalhão n.º 4, obtida pelo sr. barão do Rio Zezere, a pedido de alguns seus amigos, como s. s.ª não ignora.

O sr. Henrique Aréz era empregado da delegação da alfandega n'esta cidade, e por motivo de desarranjos occorridos no expediente da de Villa Real de Santo Antonio foi pelo director da alfandega d'Olhão mandado fazer serviço n'aquella casa fiscal, substituindo o sr. Carlos Padua; e pela collecção do sr. Barboza na de Lagos ficou elle sendo chefe da delegação d'aquella villa, como eu fiquei sendo da de Tavira; mas s. s.ª quando se decretaram as perseguições, a que tenho alludido, e outras, requereu, de accordo com os seus amigos, ser mandado dirigir, a que estava a meu cargo, e assim se executou, tendo elle continuado em mansa paz até ao presente, visto que havendo eu requerido a minha aposentação, logo depois de ter sido mandado para Villa Real, eu não tinha de utilizar a benéfica disposição acima referida do ministerio do sr. Duque de Saldanha.

O sr. José Ricardo Antunes, fiscal e não empregado da alfandega estava antigamente no posto de Tavira; e se foi depois mandado para Villa Real entrou n'isso assentimento seu, accordo com o sr. director da alfandega de Faro, em attempção do precario estado de saúde do fallecido sr. sub chefe fiscal Sant'Anna. Cabe aqui o dizer-lhe, sr. redactor, que seria impossivel que o sr. Antunes, se estivesse em Tavira consentisse, que se abusasse do seu nome para tão aleivosos intentos, e execraveis fins; pois que elle não se terá esquecido dos bons serviços, que lhe fizeram muitos dos meus amigos politicos e parentes, por occasião da syndicancia, a que aqui veio proceder contra elle o sr. Borges, director da alfandega de Olhão, e que lhe valerão seguramente, para que

não houvessem resultados funestos, como se receava, no que tomou mui activa parte o sr. Barão do Zezere. O outro sr. fiscal Monteiro, a quem também o sr. C. se refere, e que julgo estar actualmente em Mertola, foi, ha pouco, para alli mandado pelo sr. director da alfandega de Faro, que é, quem pode dizer os motivos, que o levarão a dar tal ordem.

Os dois liberaes srs. João José Neves Garcia, meu primo, e João Baptista Figuera pessoa, de quem igualmente trata o sr. C. erão empregados na companhia de pescarias do Algarve, o 1.º como administrador, e o 2.º como fiel de armazens n'esta cidade. Aos srs. directores da dita companhia pertence unicamente o de clarar causas, que determinaram as suas demissões: entretanto chamo a attenção dos imparciaes leitores para o communicado do sr. Figuera pessoa que segue o do sr. C. no dito *Jornal Liberdade*, e por elle se verá, que a demissão d'este sr. nada tem com a politica, nem com perseguições, como maliciosamente insinuou o sr. C.

Sr. redactor por credito meu, e do *Jornal* a seu cargo empenho a minha palavra de honra pelas verdades que deixo referido. Basta por hoje, que esta vai longa: e pela sua inserção muito penhorado ficará.

De v. etc.

Jacinto Alexandre Travassos Neves

Sr. redactor.

Nos ultimos numeros da *Gazeta do Algarve* e da *Liberdade* appareceu uma noticia d'um tabaco apprehendido por um tal segurado e referem-se com elogio ao serviço feito por aquelle empregado.

Para inteireza do publico e conhecimento d'aquelles jornaes tenho a declarar que o tabaco me pertence, que era eu quem o vendia e que estava legalmente habilitado a fazer pela licença que tirei na respectiva repartição.

O motivo da apprehensão foi por que eu não tinha o tabaco na minha residencia e sim na casa de meu sogro, onde tenho mais generos de meu negocio, e que é um dos meus armazens.

Tudo isto foi declarado ao tal Segurado, que não obstante e por motivos anteriores fez a apprehensão.

Cabe-me allegar estas razões no fóro judicial para reivindicar a minha fazenda e para ali recorrerrei no devido tempo.

Tinha porém que mostrar que o procedimento elogiado, longe de ser um serviço de lei, foi um abuso com má fé de que sou victimado pelo enxovalho e prejuizo do arresto de meu genero.

Eu creio que o estado não tem empregados para entorpecer a industria legal e que os que tal fazem não devem merecer os elogios de ninguém.

Se a apprehensão que me fizeram foi bem feita creio então que ninguém tem meio de vender tabacos porque qualquer estúpido empregado pode pegar n'elle porque não está na casa que elle intende lá intende no seu bestuio.

Pedindo-lhe a publicação d'estas linhas assigno-me.

De v. etc.

Estombar 4 de abril de 1876.

Francisco Antonio Correia.

Sr. redactor

Vejo no numero 98 do seu mui illustrado jornal, o *Correio do Meio Dia*, um communicado d'um senhor *Henrods* Silves datado de 18 de março findo, ao que não posso deixar de responder, não como devia mas como o mui curto entendimento e pouco saber me permittirem.

Com que então senhor *Henrods*, vem v. s.ª de mascara na cara, cotello alçado, e todo arrogante, entrando com toda a sem cerimonia e sem razão, pela honra e reputação alheia? Com que então sou conhecido pelo nome de Ignacinho Tendeiro, porque já tive loja? Com que então fui eu o author dos pasquins que appareceram contra o sr. prior de Odeceixe? V. s.ª sabe mais de mim do que eu próprio! Pois saiba que a opinião dos cavalheiros illustres d'esta terra, é, que eu não fiz taes pasquins: consulte os e publique os seus nomes, bem como o que lhe disserem a tal respeito, e verá que não falta a verdade.

Agora digame senhor *Henrods*, ou *Herodes*, já que tanto sabe: quem foi que fez os pas-

quins que referiram a mim? Seria o senhor prior de Odeceixe? Olhe que também muita gente sensata assim o supõe.

O que eu vejo no sr. *Henrods*, é uma pessoa mal criada, ou, se teve educação, faz mau uso d'ella; ora aos mal criados dou-lhes com a porta na cara, sem lhes prestar mais attenção; é o que faço ao senhor, dizendo-lhe que pelo couce se conhece o animal que o dá.

Agora ao senhor prior de Odeceixe. Diz o senhor prior no seu segundo communicado inserto no numero 97 do acreditadissimo jornal o *Correio do Meio Dia*, como resposta a um cavalheiro de Odeira, correspondente do jornal a *Liberdade*, que não sei quem é, que incorreu no desagrado do reverendissimo, por dizer que eu era camarista. Pois saiba que sou filho e neto de camaristas da camara de Aljezur; agora se lhe apraz, insculpe também os meus maiores que Deus já lá tem.

Diz o senhor prior que não é o habito que faz o monge, que tem visto muitos camaristas; sim senhor, concordo, também eu tenho visto muitos padres, mas não vi nenhum que se assimelhe ao senhor, em escandalos e em immoralidades praticadas aqui, como os espancamentos a que se refere o senhor Manuel Pacheco da Costa, e outras coisinhas mais.

Despe a batina padre José Francisco de Jesus, que bastante a tens manchado n'esta terra, e empunha o cajado de marchante, profissão que aqui tens exercido e vae ver os teus chibatos que tens no Madronhal, freguezia de Bemsafim, guardados por um refractario do concelho de Odeira, e fica sabendo que o sacerdocio, não foi o caminho que Deus te destinou.

Sr. redactor, a v. e ao respeitavel publico, peço perdão d'este desabafo a que fui forçado, e a esta feia questão põe ponto final para sempre o De v. etc.

Odeceixe 4 de abril de 1876.

Ignacio da Costa Pacheco Fragozo.

Sr. redactor.

Não gastarei cera com ruim defuncto, para agradecer ao delicado elogio, que me tece uma joven creança d'esta aldeia, o ex.^{mo} sr. Manoel Pacheco da Costa, no ultimo numero do seu illustrado jornal; continue o meu bem-zinho, e não deixe cousa alguma no tinteiro; olhe que, se falta á promessa, a sua illibada honra fica prejudicada; tenho a certeza que o illustrado publico e eu não levamos a mal as suas amabilidades; o que se pode esperar do grande Trapizonda?...

Eu já sabia a quanto transcendia esta innocente creança, mas ignorava que o menino fosse tão insigne no manejo da cabala;—faço justiça á sua sagacidade!...

Em diferentes numeros do seu illustrado jornal, sr. redactor, este ingenuo Pachecoquinho tem publicado os seus afamados escriptos, mas em prosa heroica... aonde a reputação do sr. José Cardozo, da Villa do Bispo, e do sr. Antonio Melchisedech de Sequeira Machado, actual administrador em Tavira, tem sido atassalhada a seu bel talante; não admira pois, que o menino Pachecoquinho brincasse também com a minha reputação; exulto-o pois pela boa habilidade!!!

Ainda me provoca com a sua nojenta baba para que lhe responda; isso não! O que lhe hei de eu dizer, se me colloca—supra chorus angelorum?

Também vem a lume o sr. Costa Fragozo, tio do innocente Pachecoquinho—por linha materna, com um arancel, que me obrigou applicar toda a hermeneutica para descobrir a sua unica tangente em tanto espalhafato; não se canse s. s.^a porque de sobrejo todos o conhecem—*fama volat*; se o eterno despreso, que lhe voto, não me vedasse de entrar em explicações, lá iria dar um colorido ás suas excelsas virtudes....

Rogo a fineza do meu amigo e sr. redactor publicar estas linhas no proximo numero do seu acreditado jornal, no que muito grato se confessa o que é.

De v. etc.

Odeceixe, 4 de abril de 1876.

José Francisco de Jesus.

Sr. redactor

Ha no espirito e no coração humano uma lei imperiosa, uma força irresistivel, no século presente, que nos impelle ao progresso e melhoramento, e é esta que occupa o co-

ração do sr. Joaquim Marreiros Mascarenhas Netto, pelo que merece os nossos encomios.

Não exitamos pois, a sua idéa e boa vontade. Não regeitemos, nem pretendemos resgal-os; mas não sejamos incautos analisemos á luz do dia as recamadas flôres exalando embriagantes perfumes e enganosos atavios a pertendidos fins, que talvez encontrados com más informações que lhe tem sido inculcadas. Não pretendo arguir, nem repellar sómente a verdade por onde desejamos caminhar em actos de responsabilidade publica. Podemos errar, todavia permitta as nossas reflexões para o publico não ficar illudido, principalmente a autoridade superior e o ministerio de sua magestade.

Na sessão de 17 de fevereiro ultimo s. s.^a fez ver á junta que tendo sido decretada a escola do sexo feminino em 22 de fevereiro de 1876 era conveniente uma casa que levasse (attenta a população da freguezia) 300 meninas cujas maiores distancias estão interpedidas nos dias d'inverno por ribeiras caudalosas.

Isto dito tem graça e não é senão um sonho; sim: qual é a escola que tem 300 meninas por maior que seja a sua população? Mau dado, mau concedido: pergunto: que edificio demanda, e que despesas? que dinheiro conta a junta... vae pedir a juro por conta dos rendimentos da fabrica, como cobrir as despesas ordinarias e extraordinarias quantas mestras são precisas? D'onde concorrem as 300 meninas que de inverno tem de passar por ribeiras caudalosas? Ribeiras caudalosas são muitas e a freguezia tem só a de Sant'Anna. As trezentas meninas tira-se-lhe uma cifra, ficam em 30 que é o maximo da escola do sexo masculino. Não ha lugar nenhum no povo para a escola (diz s. s.^a) senão no edificio do prior collado; esta affirmativa é calva porque sabe muito bem que o inspector, o dr. Abreu, homem competente escolheu a casa do Bastos, de que fez menção o jornal o *Correio do Meio-Dia* no numero 93. Na sessão extraordinaria em março do corrente anno expoz v. s.^a á junta (com desgarrro) permitta-me a phrase, o seguinte:—*Descorada até ao presente a egreja matriz e o cemiterio publico d'esta freguezia, acham-se e n estado deploravel, accusando em uns negligencia criminosa; em outros indifferença vandálica que demanda reparação dispendiosas; se lhes não accudirem a tempo desaba ao meio.*

Isto não se commenta, basta que o publico saiba que em 63 e 69 se fizeram despesas approvadas para o telhado, madeira de ferro e pintura, como está bem patente a quem queira ver.

Por consequencia fica por terra a negligencia criminosa do artigo precedente e em seguida o vandalismo e indifferença dos vogaes da junta. Diz que o quintal do prior collado está quasi abandonado; tendo parreiras amadas, limoeiros, laranjeiras e uma figueira lampa, tem mostarda semeada para remedio dos que padecem de emicrania.

As mãos largas offerece palheiros e cavallarias, privando o prior collado que carece de tudo para cavalladura destinada para as confissões. Também não se commenta, narra-se para o publico formar seus juizos sobre planos d'uma tal natureza. Eu porém, concluo agradecendo ao sr. Marreiros a recompensa affrontosa, como penitencia em retribuição dos actos de beneficencia, amor e respeito com que o tenho tratado.

Messines 4 de abril de 1876.

Martins

Ao ill.^{mo} sr. prior de Odeceixe

Não precisa dos meus conselhos, amigo: o manjar da instrucção, que lhe deram a comer na juventude, adubado com a experiencia que tem dos homens e das cousas, dá-lhe direito a se apresentar sobranceiro a esses rapsodistas que, á semilhança dos gaiatos da baixa-mar, andam pelas estremeiras em procura d'algum affineite que ao varrer da casa lá foi involto no pó. Ha meios para impedir os crimes, são os castigos a tempo, disse Montesquieu:—e o castigo que deve applicar a esses histriões, dignos authores d'aleivosias, que são crimes também porque retaham a honra, será apenas o despreso.

Se são tão descarados que não temem apparecer em publico de rosto nauseabundo não receia, como em tempo aconselhou o nosso Garrett, «a accintosa mofa d'essa voluvel, leviana genta.»

Se fallam muito; se enchem de parvoices

columnas de jornaes, appellide-os garrulos, e diga, como Socrates, «os ignorantes fallam muito e dizem pouco.»

Se se gabam de civilizados, responda-lhes com o conselheiro Bastos que «a verdadeira civilização é filha da religião.» E pouco religioso é aquelle que por largos annos não cumpre, antes posterga, os deveres do christão.

Se se blasonam de que são dextros no manejo d'alguns instrumentos, diga lhes com S. Amb. que «o valor não consiste nas forças corporaes, mas na virtude d'animo.» E aquelles espiritos obsecados são charcos immundos, depositos de substancias myphiticas que envenenam o ar que aspiramos.

Se se apregoam d'opulentos; se nos seus palacios de cristal (sem vidros) corre o dinheiro a flux, observe-lhes: «que o ouro é defuncto nobre no tumulto dos cofres.»

Se, apesar da sua provadissima estupidez, elles tiverem o arrojo de dizer que tem exercido cargos elevados na sociedade, conclua que «na terra dos cegos quem tem um olho é rei.»

E fechando tudo em uma simples expressão mande-os á fava, ou, visto que foram bem tosquiados, aconselhe-os a tomarem alcacel n'esta epocha que é tão propria.

Silves 4 d'abril de 1876

Henrods.

Variedades

Um condemnado á morte devia ser executado no dia seguinte.

Levado para o oratorio, pergunta-lhe o director da prisão que quer comer?

Isto era em outubro.

—Quero morangos, responde o condemnado.

—Morangos? Agora não os ha; só d'aqui a seis mezes.

—Não tem duvida, responde o homem com modos resignados. Esperarei.

Em Hespanha morreu um Leopardo.

Suicidou-se.

Devorou a cauda e as patas.

Este caso não é novo entre as feras, como alguns supõem.

Ha já muito tempo que se está comendo a si proprio o leão de Hespanha.

Em Paris, entre dois ciganos:

—Olá! Então onde é a ida, tão depressa?

—Homem, deixa-me, vou a correr para não me verem as botas rotas!

Os recrutas são em toda a parte... recrutados.

Um estava de sentinella na porta de certo ministerio, onde se dava um grande banquete e recepção annual.

Tinha ordem de fazer com que todos os convidados deixassem as bengalas no lugar para isso destinado.

—A bengala, disse o recruta, avistando o primeiro convidado.

—Não trago bengala, respondeu este.

—Isso não é da minha conta... Tenho ordem para que todos deixem ali as bengalas.

—Mas se já lhe disse que não a trago.

—Pois vá buscá-la.

N'um desafio:

—Meus amigos, não gosto de me bater á pistola.

—Menino, é a arma escolhida e não ha outro remedio...

—Pois sim. Não é porque eu tenha medo da pistola, não; porém sou nervoso e a de tonação transtorna-me e faz perder o tino. Occorre-me uma idéa.

—Vejamos.

—Vossês, que são meus padrinhos, collocam-se ao meu lado e tapam-me os ouvidos. D'este modo...

Os padrinhos fogem.

O sceptico P. Q. estava á morte e não queria confessar-se. Vendo proximo o seu fim, ordenou aos herdeiros que lhe collocassem no atauda um rolo de moedas de ouro, querendo, sem duvida, que o precioso metal podesse proporcionar gosos no outro mundo.

Uma das suas herdeiras, movida por um sentimento piedoso, chama um sacerdote e pede-lhe que convença o moribundo de que as moedas de ouro para nada servem depois da morte, e o persuada de que deve confes-

sar-se.

—Meu filho, disse o sacerdote depois de um longo discurso infructifero, meu filho, se não se confessa irá para o inferno.

—Para o inferno?! exclamou o avaro espantado! não, não, que se derretam as moedas.

E resolveu confessar-se.

Visto e ouvido em um theatro:

Z..., joven muito elegante, porém muito feia, apparece no seu camarote ostentando um bellissimo adorno de perolas.

X..., joven muito linda, mas muito invejosa, exclama:

—Olá! nunca tal coisa vi.

—O que?

—Uma ostra entre perolas! respondeu X. designando Z....

—Senhor, uma esmola por amor de Deus.

—Tome você este papel. E' um vale contra a hospedaria que eu frequento. Hoje não jantei alli. Apresente você o vale e comerá.

—Se v. ex.^a me podesse dar mais dois!

Oh! Que bom estomago! Tem então muito appetite?

—Não muito, mas convidei dois amigos, e dois vales faziam-me bem boa conta!

Um papá lê n'um periodico:

«As lamas da cidade de Milão produziram durante o anno de 1874, perto de cem contos de reis.»

—Alfredo! Alfredo!

Apparece Alfredo.

—Que quer o papá?

—Quando em dias do lama viéres da rua, deposita com todo o cuidado n'um recanto toda a lama que trouxeres nas botas.

—Para que, papá?

—Para teres um rendimento quando fôres homem.

O professor de geographia, para os discipulos:

—Procurem ahi no mappa a cidade de Moscow.

Os pequenos atarantaram-se um pouco e o sabio accode logo:

—Patetas! Como queriam encontrá-la, se foi incendiada!

Acabava um pregador de proferir a sua oração, e um camponio dos que mais o haviam admirado, vae felicitá-lo á sachsistia.

—Só me fazem parafusar certas palavrinhas, certos ditos mais finos, que não entendendo bem...

—Poderá! Não sabe rethorica!

—Não sei rethorica? Assim eu soubesse ler e escrever!...

O *Times* annuncia que se perdeu uma mulher.

Vão lá procurar uma mulher, quando se perde.

Quem sabe até onde chegará?

A um medico que visitava um hospital de doidos affigurou-se que o homem que lhe servia de guia estava em juizo perfeito.

—Porque está n'esta casa? perguntou: nem no semblante, nem nas palavras encontro o germen da loucura; nem no craneo descubro o mais leve indicio d'essa enfermidade.

—Advirta, porém, o doutor, disse o louco, sorrindo, que esta não é a minha cabeça.

—Cortei as pernas a um prussiano, dizia um soldado movel aos seus camaradas.

—Porque não lhe cortaste antes a cabeça?

—Cabeça já elle não tinha!

Despedida

O abaixo assignado tendo de retirar-se muito breve e definitivamente para Lisboa aonde se acha empregado, em casa do ex.^{mo} sr. Visconde d'Abriçada, offerece ali o seu lemitado prestimo a todos os seus amigos das diferentes terras d'esta provincia, desejando a todos as melhores venturas.

Silves 30 de março de 1876.

Luiz Joaquim de Jesus Madeira.

ANNUNCIOS

BIBLIOTHECA CONTEMPORANEA

LISBOA, 17—RUA FORMOSA 1.º ANDAR

Em publicação *O cosinheiro d'El Rei*. Memorias do tempo de Filipe III, grande romance historico.

Está aberta a assignatura para este primoroso romance.

Obras publicadas: *O conde duque d'Olivares*, memorias do tempo de Filipe IV. Quatro volumes ornados de estampas. Em brochura, 2\$400 réis.

Bandidos Celebres, historia romanesca de sete ladrões. Quatro volumes illustrados. Em brochura, 2\$000 réis.

Pepita Jimenez, primor litterario de D. João Valera. Um volume illustrado. Em brochura 600 réis.

João Palomo ou a expiação d'um bandido. Quatro volumes em brochura 2\$000 rs.

BIBLIOTHECA HORAS DE RECREIO

A

RAMALHETEIRA DO TIVOLI

A acção d'este interessante romance passa-se na epocha do Terror, em 1793, onde o vulto de Barras e Robespierre apparece conjunctamente com o da formosa melle Lange que ainda ha pouco se mostram tão sympathica no papel que representava a mesma epocha d'este lindo romance. Contém 400 paginas, e á primorosamente impresso, e illustrado com boas estampas.

Remette-se franco a quem enviar o seu importe.

Em publicação:

O ESTUDANTE

DE

SALAMANCA

NOTAVEL ROMANCE PENINSULAR

Fica no prélo este interessante romance peninsular, de que foi theatro a Hespanha na epocha da guerra dos sete annos, no tempo do primeiro pretendente Carlos V, avô do actual Carlos VII, que á frente d'uma pleyade de fanaticos, como o d'hoje tantos males acarretou sobre a sua patria. A scena passa-se na Navarra em pleno carlismo.

Distribue-se todas as semanas um fasciculo de 6 folhas. A assignatura pôde ser requisitada por volumes ou por fasciculos. Creditam-se quaesquer quantias por conta da assignatura. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Rocha Torres & C.ª—Rua dos Calafates, 93—Lisboa.

A LIVRARIA BORDALO

ESTABELECIDHA ha 33 annos em Lisboa na rua Augusta, mudou-se para a travessa da Victoria n.º 42—1.º andar proximo á igreja de S. Nicolau.

N'esto estabelecimento se acha á venda um variado e rico sortimento de livros de missa e semana santa de capas de madreperola, tartaruga, marfim, chagrin, veludo e marroquim, *albums* para retratos, *carteiras* para lembranças, *Jogos da Gloria*, ditos do Lotto, ditos do Assaio etc. Obras de litteratura, poesia, Historia, romances, dramas, comedias e scenas comicas, de tudo tem catalogo impressos com os titulos e preços das obras os quaes se dão gratis a quem os requisitar em carta, subscripta a Joaquim José Bordalo, travessa da Victoria n.º 24—1.º anda.

CASAS

VENDE-SE umas casas terreas sitas na rua do Postigo da Igreja em Portimão. Quem pretender dirija se a Antonia da Cruz ou a seu marido em Silves.

ANTIGO DEPOSITO DE FARINHAS

J. A. Sant'Anna, em Portimão, participa aos seus freguezes que lhe chegaram de Lisboa, pelos hiates *Sant'Anna I* e *Sant'Anna II*, 1:600 saccas de farinha nacional, para todos os preços a começar de 900 réis por 15 kilos, e garante que os seus preços são mais baixos 50 réis por cada 15 kilos de que n'outras vendas d'este genero. Tambem recebeu trigo, feijão, milho, grão de bico e chixaro, que tem tudo exposto á venda nos seus depositos.

LINHA



REGULAR

DE BARCOS DE VELLA

ENTRE PORTIMÃO E LISBOA

Para Lisboa sahirá no dia 20 do corrente o hiate *Sant'Anna I*. De Lisboa para Portimão, sahirá no dia 21 do corrente o hiate *Sant'Anna III*. Trata-se em Lisboa, com João da Silva Lima, rua Nova da Alfandega n.º 56, e em Portimão, com o seu proprietario J. A. Sant'Anna.

Linha de vapores hespanhoes



Para Londres e Anvers, directamente, sahirá no dia 21 de fevereiro o vapor *Calderon*. Estes vapores são de boa macha, e fazem a sua viagem d'aqui a Lisboa em 10 horas, para onde tomam passageiros a 2\$250 réis na 3.ª classe.

Trata-se em Portimão com o seu consignatario,

J. A. Sant'Anna.

EDITAL

POR este se faz publico que no domingo 9 do corrente mez pelas 11 horas da manhã em praça publica no Largo do Collegio d'esta villa, se hão de pôr em perigo de venda e arrematação a quem mais der 528 saccas que vieram com os generos que o governo emprestou aos lavradores d'esta comcelho, as quaes hão de ser vendidos em totes.

Administração do concelho de Portimão 7 de abril de 1876.

O administrador do concelho.
Francisco Pedro da Silva Negrão.

DICCIONARIO

TECNOLOGICO

DE todas as applicações das descobertas scientificas aos processos industriaes e ás exigencias immediatas da vida extrahido dos melhores e mais recentes tratados de cada especialidade, por uma associação de praticos e estudiosos.

Para maior intelligencia dos estudiosos será esta *Encyclopedica* ornada com gravuras illustrativas, que expliquem visualmente as novidades e invenções que a sciencia tem conquistado para a historia natural, para as artes e para as industriaes.

O nosso *Diccionario* será publicado em formato grande e typo miúdo.

Serão distribuidos em Lisboa e Porto, dois fasciculos de 16 paginas em cada mez, que devem ser pagos no acto da entrega a 120 réis cada fasciculo.

Para os srs. assignantes, das provincias accresce o importe das estampillas.

Assigna-se nas principaes livrarias de Lisboa.—Cada pessoa que garantir dez assignaturas receberá um exemplar gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Luiz Maria dos Santos—Rua dos Capellistas, 42—Lisboa.

VENDE-SE

Quem pretender comprar um rabeção contrabando novo e da primeira qualidade, dirija-se a João Carlos da Cruz Laria em Lagoa.

AOS ESCRIVÃES

N'esta typographia ha uma grande porção de procurações nitidamente impressas em papel sellado que se venhem mais baratas que em outra qualquer parte. Sendo porção faz-se abatimento. Encarrega-se tambem de remetter para fora d'esta villa, sendo o transporte gratuito para o comprador.

Quem precisar dirija-se ao director d'esta typographia em Portimão.

IMPRESSOS

NESTA typographia se vendem impressos para as alfandegas a 800 réis cada 100 exemplares feitos com perfeição e em bom papel. Os impressos remetem-se por conta d'esta typographia para fora d'esta villa.

Tambem pelo mesmo preço se fazem impressos para todas as repartições publicas do reino.

Quem pretender dirija-se ao administrador d'esta typographia em Portimão.

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DE POLITICA, DAS LETRAS, DOS COSTUMES, ETC. ETC.

Ernesto Chardron, editor, tendo obtido por contracto feito com o sr. Ramalho Ortigão, a edição d'uma nova serie da revista *As Farpas*, de todas as publicações modernas, aquella que mais tem suscitado a attenção do publico, annuncia que está aberta a assignatura para esta nova serie que constará de 10 numeros, o primeiros dos quaes sahirá á luz no fim de dezembro de 1875, e os demais apparecerão consecutivamente.

Preço de cada numero 200 réis.

Assigna-se na livraria de Ernesto Chardron—Porto e Braga, em Lisboa, Coimbra e provincias nas principaes livrarias.

TREM

JOÃO LOPES DOS REIS, em Lagoa pede os seus amigos que tem um bom trem para alugar, por preços muito rasosaveis.

DICCIONARIO POPULAR

HISTORICO, geographico, mythologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario por uma sociedade de homens de letras.

Condições da assignatura: o formato do *Diccionario Popular* é in-quarto a tres columnas. O typo é miúdo, como o de todas as obras d'este genero e o papel da melhor qualidade.

A obra é distribuida em fasciculos de paginas ou 48 columnas com a sua competente capa.

Cada fasciculo custará 100 réis.

Está publicado o fasciculo 14.

O porte do correio é á custa da empresa, de modo que os assignantes das provincias e ilhas adjacentes só tem de pagar 100 réis por cada fasciculo como os assignantes de Lisboa e Porto.

As assignaturas das ilhas são consideradas moeda forte.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da empresa do *Diccionario Popular*—Rua da Atalaya, 173—Lisboa.

TRIGO

VENDE-SE trigo mourisco ruivo, joeira-do, do *Reguengo* a 800 réis o alqueire. Quem pretender dirija se a casa do sr. Negrão ao caes n'esta villa.

ATTENÇÃO

JOSE MORA SANCHES rua dos Quarteis tem um grande sortimento de livros de missa, confissão e semana santa. Com encadernações de todas as qualidades.

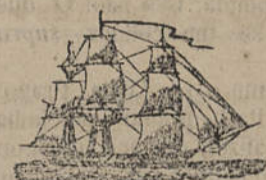
Jornal das damas

PUBLICOU-SE o n.º 108 d'esta interessante revista de revista de litteratura e modas, unico jornal dedicado as senhoras que em Portugal existe, contendo uma longa e bem detalhada revista de modas, no qual mudamente se descrevem as mais elegantes *toilettes* que se usam para passeio, visitas, reunião theatro, baile, etc: poesias e artigo de recreio acompanhados de dois excellentes figurinos gravados e illuminados em Paris.

Preço da assignatura—Lisboa, 1 anno 2\$000 réis. Provincias, 1 anno 2\$400 réis—numero avulso 240 réis. Assigna-se em Lisboa unicamente na ta 24, 26, no Porto Coimbra e Braga nas principaes livrarias, do sr. Mariano Machado (com o rugmento de 25 % de differença da moeda).

CASAS

O abaixo assignado arrenda por tres annos, umas casas altas, na rua do Maravilhas em Portimão. Gomes.



PARA O PORTO

SAHIRA com toda a brevidade a chalupa *D. Rosa*. Quem pretender carregar dirija-se ao seu capitão Joaquim da Silva Ribeiro, em Portimão.

Expediente

Correio do Meio-Dia.—Assigna-se em Portimão no escriptorio da redacção rua Direita.

Condições da assignatura.—Anno 1600 réis; semestre 900 réis; trimestre 500 réis; e pagamento que não for adiantado conta-se aos trimestres.

Fôra de Portimão, accresce a estampilha na razão de 20 réis por mez. Avulso 40 réis.

Publicações.—No corpo do jornal 30 réis annuncios por linha 20 réis. Os assignantes gozam do beneficio de 25 por cento.

Não se restituem os originaes. Não se recebem correspondencias sem serem francas de porte.